

Uma boa nova para o Rock

Criticado no passado por ser maligno, o ritmo ganha espaço dentro da igreja evangélica, apesar de ainda sofrer preconceitos em algumas denominações, como a pentecostal

Por Carolina Gavino e Aline Sampaio

Nunca se imaginou que as histórias das igrejas e do rock n' roll pudessem se encontrar. Na antiga Igreja Católica Romana, Deus era louvado com o que os monges chamavam de cantochão ou canto gregoriano. Adotado pelo papa Gregório Magno (daí o nome gregoriano) no século VI, a música sacra era monódica, como se fosse uma oração cantada e só ela poderia ser usadas em rituais. No final da Idade Média, a polifonia (composição de uma harmonia mais melodiosa) foi introduzida na cristandade. Até a década de 60, igrejas católicas e evangélicas só louvavam por meio de hinos e cânticos espirituais.

Séculos se passaram e a história do rock começou ser construída por volta de 1950, nos Estados Unidos. Derivado do blues e do jazz, o novo estilo musical logo conquistou o público, especialmente o jovem, que se deixou seduzir pela postura rebelde e descontraída de ídolos como Elvis Presley e Chuck Berry. Sempre polêmico, o rock acompanhou as tendências da juventude. A década de 50 foi marcada pelo rockabilly, os roqueiros bem arrumadinhos; Os anos 60 foram repletos de psicodelia, traço principal do rock progressivo e experimental; Em 70, muito glamour incorporado pelo glam e hard rock, além do enraizamento do punk rock; Já em 80, o new wave predominou nas paradas, mas também foi a vez do heavy metal, do pós-punk e do gothic rock. Dos anos 90 para cá, o rock se tornou uma miscelânea de estilos, muitos deles revisitados.

No meio do crescente movimento musical, em 1960, evangélicos norte-americanos vestiram a camisa do *Jesus Movement*, um levante voltado a mudar doutrinas enraizadas na igreja. Por acharem as músicas que guiavam os cultos muito monótonas e desatualizadas, o rock encontrou uma brecha para entrar em terrenos nunca antes imaginados.

Hoje, diversas bandas de várias vertentes do rock estão no circuito gospel, e bandas do *underground* cristão estão em seu período mais fértil, visto que a aceitação do público evangélico é grande. Entretanto, ainda existem conservadores que evocam uma discussão: Se o diabo é o pai do rock, como cristãos estão aderindo a essa música cada vez mais?

Deus teve essa idéia

O líder da igreja *Crash Church Underground Ministry* e também guitarrista da banda gospel de death metal *Antidemon*, pastor Batista, acredita que o rebanho só tem a ganhar mais ovelhas com

a disseminação do rock n'roll evangélico. “Primeiro veio o *Antidemon*. As pessoas iam se convertendo e depois não tinham pra onde ir”.

A *Crash Church* é uma comunidade evangélica alternativa localizada no bairro da Barra Funda, em São Paulo, que segundo Batista, quer ter liberdade para adorar a Deus, despojada dos dogmas das igrejas tradicionais. Lá, o rock é explorado livremente nos louvores, mas isso não faz da Crash uma igreja totalmente diferente das outras. Para ele, o rock serve como uma porta de entrada, mas no templo a pregação é sobre Cristo e a transformação do homem.

Batista explica que muitos jovens chegam à igreja com a intenção de curtir uma balada de rock, mas logo são surpreendidos com a mensagem anunciada. “Muitos são convertidos aqui. Eles são como uma terra árida e Jesus é água”, exemplifica. O pastor roqueiro critica o conceito de música que traz paz. Ele relata um episódio curioso, em que, concedendo uma entrevista numa rádio em Fortaleza, recebeu uma ligação de uma senhora, crente “daquelas que usam saia e cabelo comprido”, que contava que sua netinha só chorava e não conseguia dormir. A “vovó” então colocou para tocar toda música de louvor que possuía para a criança se acalmar, e na sua última tentativa, tocou um CD desconhecido. A menina parou na hora, e a velhinha foi saber depois que quem estava tocando era o *Antidemon*. Batista fica orgulhoso por saber que sua música era tocada toda vez que a criança queria dormir. E emenda: “O que faz uma música ser sacra ou satânica não é o instrumental, o *riff*, é a letra”.

Ele também alerta que algumas músicas tocadas na igreja atualmente foram compostas originalmente para sacrifícios e bacanais, e hoje são executadas em casamentos, nos cultos, como se fossem música sacra. “Isso engana muito as pessoas, o estilo não é um referencial”, defende.

Alguns religiosos conservadores conceituam como cântico agradável a Deus, versos inspirados por Deus e partituras que não se sobreponham ao conteúdo da música. Ou seja, o rock estaria descartado segundo essa definição, já que é um ritmo bem pungente.

“Tudo quanto tem fôlego louve ao Senhor”. O Pastor cita o livro de Salmos 150:6 ao determinar o cântico que agrada a Deus. “Se quisermos adorar a Deus, podemos bater nessas cadeiras, e mesmo que o barulho seja mais alto que a nossa voz, Deus entenderá a intenção do nosso coração”, justifica. “A nossa música não serve para agradar a ninguém, nem à nossa carne, mas para adorar a Deus em espírito e em verdade”.

Questionado sobre a santidade do rock na casa de Deus, Batista lembra a imposição da igreja católica sobre o canto gregoriano intitulado-a de santo. Para ele, as pessoas têm uma idéia errônea de que satanás pode criar alguma coisa, no caso, ser o pai do rock. Ele esclarece que “só Deus é criador e que Lúcifer, quando ainda habitava no céu, era músico e utilizou-se do que sabia melhor fazer para ser usado contra Deus”.

O líder da *Crash* falou sobre sua vida e da primeira experiência com o rock. “Minha família não gostava de rock, eu não conhecia o rock, pensava que o logo do *Iron Maiden* nas camisetas era um desenho de vídeo game. De repente, foram surgindo *riffs* na minha cabeça e não sabia o que era”, afirma. “Deus quis que fizesse isso”.

Entretenimento e propagação do reino

Batista não acredita que o estilo seguido pela *Crash* pode afastar alguém de Cristo. “Muitos vêm aqui para namorar, curtir, esses não são convertidos. Alguns vêm com esses objetivos, mas acabam se convertendo. Alguns não se convertem nunca”, expõe. Ele entende que quando a pessoa não tem uma verdadeira conversão, ela abandona facilmente a igreja. O pastor cita a passagem de Mateus 26:34, da negação de Pedro e dá o seu parecer: “Se Pedro, que estava ao lado de Jesus, não se converteu, existem pessoas que não se convertem. Por isso o rock pode afastar alguém”.

Bandas de rock com integrantes evangélicos têm produzido uma diversão sadia compondo músicas que abordam temas bíblicos como o amor e a paz, embora não se admitam crentes para mídia. A proposta do *Antidemon* vai ao contrário do entretenimento, a propagação do reino de Deus a maior missão. “Apesar das pessoas se divertirem nos shows, nos intervalos das músicas a palavra é pregada”, elucida.

Com a banda, o pastor costuma fazer turnês pelo país, fazendo shows em todo o tipo de lugar. “Nossa intenção é entrar em todos lugares para passar a mensagem de Jesus”. Desse modo, a banda toca para públicos diferentes das igrejas. “Muitas vezes, tem cara que bebe, cheira, fuma na platéia. Nos últimos shows, o pessoal se reuniu para acabar com o show, montaram até uma comunidade no *Orkut*”, conta. Mesmo assim, o *Antidemon* quer entrar nas casas de show e mostrar algo novo para aqueles que estão lá. “Algumas pessoas gostam do som, mas não concordam com a letra, continuam na dele. Outros curtem a música e começam a concordar com a mensagem. Há também àqueles que não dão o braço a torcer, mas escutam o CD escondido. Além desses, há os que odeiam, odeiam e odeiam”, brinca.

O pastor da *Crash* acha que o rock é adequado sim para ser tocado nos cultos e diz: “O louvor deve ser verdadeiro, não tocando uma música bonitinha só para agradar os outros. Não precisa de pose, mas colocar Deus no lugar devido”.

“Jesus era totalmente louco para o tempo dele. Os religiosos da época ficavam indignados com isso, porque Cristo se dizia o Messias”, garante Batista. “Talvez seja por isso que o rock hoje não seja aceito pela totalidade da igreja evangélica no mundo e líderes religiosos não consigam enxergar que estão seguindo regras e não a verdade dita no Livro Sagrado”.

Metalcore para Jesus

O rock direcionado aos fiéis tem se trajado em vários estilos, um deles é o metalcore. Munidas de vocais agressivos e guturais, além da presença de uma bateria marcada por pedais duplos, bandas do circuito alternativo gospel têm surpreendido com seu profissionalismo e ideal em Cristo, nunca de maneira pedante.

Bruno Santos, vocalista da banda *About the Wings*, percebeu que não tinha espaço para exibir sua música na assembléia que freqüentava quando soube da *Crash Church* por um amigo. Decidiram visitar o lugar, que em breve lhes trouxe inspiração para evangelizar pela música e fundar uma associação cristã na Baixada Santista. Com muito fervor e pegada forte, as músicas falam da vida dos componentes e os preconceitos que tiveram para ficarem mais próximos de Jesus.

José Cláudio é tão fã do grupo *Dead Snake* que já se considera integrante dela. O rapaz acredita que o rock na igreja agrada a Deus e é uma forma de fazer com que o evangelho fique mais próximo da sociedade, usando da liberdade de expressão. Ele conta que muitos jovens deixam de ir a *Crash Church* por causa da influência de pastores, mas ele diz tentar, com auxílio da bíblia, distinguir o que é certo ou errado. As canções do *Dead Snake* têm como tema a exaltação de Jesus Cristo e “mensagens para que as pessoas saiam da destruição que a sociedade ocasiona”.

Em 2002, João Paulo passava por momentos difíceis quando decidiu criar a *Vision of Terror*. Dependente de drogas, conheceu o pastor Batista em um dos festivais em seu estado natal, Espírito Santo. A partir daí momento, decidiu se tornar evangélico, o que segundo ele, “mudou sua vida”. Para ele, o foco do rock cristão é simples: Jesus Cristo. A intenção de seus acordes é preencher a vida com ações positivas, como não julgar pessoas diferentes, enfocando a sociedade e os indivíduos sem rumo. O vocalista considera Jesus “um anarquista revolucionário e *underground*, que veio para quebrar preconceitos e ser a solução para esse mundo”. Ele confessa que sofreu preconceito em festivais não-cristãos porque as pessoas não aceitavam que evangélicos tocassem *metalcore*, embora essa visão fosse logo quebrada quando mostravam seu som. “O pessoal curte a sonoridade e vai procurar saber do que se tratam as letras. Assim a palavra acaba sendo levada”, completa.

A jovem Karina Rodrigues freqüenta festivais há três anos por influência de seu noivo, evangélico da Renascer como ela. A garota conta que alguns membros de sua igreja questionam a igreja do rock, mas preferindo a *Crash Church*, ela segue a opção do amado. “Os cultos são muito parecidos”, garante.